

Franco da Rocha e publicação de suas idéias: uma análise do meio social na explicação etiológica da loucura¹

Franco da Rocha and publication of his ideas: an analysis of the social environment in explaining the etiology of madness

Paulo Silvino Ribeiro²

Resumo: Este artigo é resultante de um estudo acerca das relações e contribuições do pensamento médico (do último quartel do século XIX) com o processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil. Mais especificamente trata-se de uma reflexão sobre o trabalho intelectual e político de um dos nomes mais importantes da história da psiquiatria e do alienismo brasileiro, Dr. Francisco Franco da Rocha. A análise de sua produção intelectual permite o dimensionamento de sua contribuição enquanto representante da possível produção de um pensamento médico acerca da realidade social brasileira. Na esteira do desenvolvimento da medicina psiquiátrica no Brasil parece brotar uma peculiar análise social empreendida por Franco da Rocha. Ao final deste breve trabalho, desvela-se uma originalidade na fala do “Pinel Paulista” o qual, ao esboçar sua explicação da etiologia social da loucura, faz uso de um senso crítico quanto aos contornos da estrutura social que vê, ao mesmo tempo em que destaca suas escolhas teóricas, as quais não necessariamente reproduziam os discursos hegemônicos de seu tempo.

Palavras-chave: Medicina; Psiquiatria; Doença Mental; Sociedade; História da Ciência.

Abstract: *This paper is the result of a study on the relationships and contributions to medical thought (in the last quarter of the nineteenth century) with the institutionalization of social sciences in Brazil. More specifically, it is a reflection*

¹ Este artigo é resultado de partes da dissertação de mestrado “Prescrições Médicas” contra os males da nação: diálogos de Franco da Rocha na construção das Ciências Sociais no Brasil defendida em Abril de 2010 no Programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual Paulista – UNESP.

² Paulo Silvino Ribeiro é Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e docente da Faculdade Pitágoras.

on the intellectual and political work of one of the biggest names in the history of psychiatry and alienism in Brazil, Dr. Franco da Rocha. The analysis of his intellectual production enables to size his contribution as a representative of a possible production of medical thinking about the Brazilian social reality. In the wake of the development of psychiatric medicine in Brazil seems to sprout a peculiar social analysis undertaken by Franco da Rocha. At the end, this short paper reveals an originality in the thought of the “Pinel Paulista” which, in sketching his account of the social etiology of madness, makes use of a critical sense about the contours of the social structure he sees, while highlighting his theoretical choices, which do not necessarily reproduce the hegemonic discourses of his time.

Keywords: *Medicine; Psychiatry; Mental Disorders; Society; Science History.*

Correlações existentes na multilateralidade temática de Franco da Rocha

Presente em inúmeras referências que abordam a história da Medicina no país, mais precisamente na fase da institucionalização do ensino e da pesquisa médica em fins do século XIX e começo do século XX, Francisco Franco da Rocha³ seria um dos nomes emblemáticos dessa prática médica voltada à saúde pública – em especial no âmbito da psiquiatria, que em nada deixaria a desejar quando comparado a vultos importantes da profissão, como Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Adolfo Lutz, Arnaldo V. de Carvalho e, certamente, Nina Rodrigues.

No entanto, embora muito citado, poucos se debruçaram de fato sobre sua produção intelectual, limitando-se, em grande parte, a uma análise superficial de sua biografia, a qual teria sido marcada, fundamentalmente, pela idealização, fundação e administração do Hospital do Juquery. Contudo, é na sua produção de livros, artigos e análises publicadas em revistas e periódicos nacionais e internacionais que se encontra uma fértil seara emblemática de sua eloquência e sagacidade, a qual sugere sua atuação como mais um pensador social dentre os nomes da medicina brasileira na passagem do século XIX para o XX.

³ Francisco Franco da Rocha nasceu em Amparo, interior paulista, em 1864. Ainda jovem foi estudar medicina no Rio de Janeiro, voltando para São Paulo na década de 90 do século XIX. Participou da administração do Asilo de Alienados da capital paulista, encabeçando mais tarde o projeto de uma colônia agrícola para o tratamento psiquiátrico, a qual seria fundada em 1898: o Hospital de Juquery.

Partindo-se deste pressuposto, através da leitura de seus escritos destacam-se dois aspectos a saber: num primeiro momento, os contornos do processo de imbricamento entre medicina e ciências sociais nos primeiros anos da República; em segundo lugar, a maneira como tais discursos médicos concebiam os males da nação e, ao mesmo tempo, manifestavam a preocupação ou interesse com a questão da modernização e do desenvolvimento nacional, no sentido da promoção do que se chamou de processo civilizatório e da criação de uma identidade para a nação.

Se por um lado Franco da Rocha corrobora as afirmações quanto ao peso da degeneração – teoria tão em voga em fins do século XIX – na manifestação das doenças mentais, por outro não é possível afirmar que tivesse um posicionamento crítico em relação à figura do negro e à própria miscigenação racial como um mal da sociedade brasileira, dada sua convicção de que a degenerescência não seria exclusiva à raça negra. Além disso, o peso das circunstâncias externas ao indivíduo seria de enorme relevância. Em outras palavras, a análise das questões sociais seria importante na composição do diagnóstico. Assim, para além da presença dos aspectos biológicos degenerativos presentes em alguns indivíduos, bem como das preocupações com medidas eugênicas num projeto higienizador, Franco da Rocha não deixava de considerar os fatores externos que desencadeavam, pelo menos em tese, um processo de degeneração.

Assim, trataria dos mais diversos temas pertinentes à vida social e sua potencial ligação com a loucura. O fio condutor de todo o seu trabalho, independentemente de qualquer grau de continuidade entre os assuntos, seria o estudo da loucura e suas relações com a organização social vigente. Segundo Yolanda C. Forghieri (2005, p.30), Franco da Rocha teria sido um dos pioneiros da Psicologia Social no Brasil, tendo estudado as desordens mentais das multidões, os transtornos psíquicos relacionados à raça negra, as epidemias de loucura religiosa.

Se é possível pensar numa cronologia temática de Franco da Rocha na passagem do século XIX para o XX, esta não será marcada por uma sequência com relação à apresentação dos temas. Estes seriam apresentados num primeiro momento e retomados décadas depois, a exemplo dos que constantemente se referiam ou ao Asilo de Alienados (Hospício de Juquery), ou temas afins como o código penal e a questão do doente mental. Alguns desses artigos seriam publicados em mais de um veículo de circulação, de especialidade médica ou aberto ao público leigo. Assim,

aqui se tentará esboçar relações de proximidades entre tais obras, menos pelas datas de publicação, do que pelas temáticas abordadas, bem como compreender de que forma seu discurso se aproximaria do que aqui se chamou de análise social da etiologia da loucura.

Num artigo de 1905, na *Gazeta Clínica*, Franco da Rocha escrevia sobre a obra de Alcântara Machado intitulada *Suicídios na capital paulista*, publicada naquele mesmo ano. Já nas primeiras linhas, ao destacar a relevância de um livro sobre a questão do suicídio, descreve a dificuldade de se estudar tal tema devido o número de fatores a serem considerados e que, no caso brasileiro, ainda eram *incipientes as instituições auxiliares de tal trabalho* (Rocha, 1905, p.443), o que poderia ser uma menção às ciências sociais (e particularmente à Sociologia) e ao seu papel neste processo. Embora ao longo de todo o artigo prevaleçam elogios ao autor, Franco da Rocha (1905, p.444) fez uma ressalva quanto à necessidade de se considerar, em suas palavras, “fatores individuais”, como a religião, para se pensar os índices de suicídio, mas que faltavam à obra de Alcântara Machado. Franco da Rocha observava que: “Em São Paulo já é grande a difusão do protestantismo, e as memórias estatísticas de Casper registram entre os protestantes maior número de suicídios do que entre os católicos” (Rocha, 1905, p.444). Certamente, considerações como essa podem ser tomadas como indícios do interesse e conhecimento de Franco da Rocha em relação às produções que, direta ou indiretamente, teriam um diálogo com a psicologia e a psiquiatria, dentre elas, o pensamento sociológico de Émile Durkheim.

O papel da religião enquanto fato social, seu caráter coercitivo na consciência individual, como produto de uma consciência coletiva para a solidariedade social e sua relação com o suicídio foram abordadas por Durkheim (1973). Ao que tudo indica, Franco da Rocha já havia tido acesso esta literatura da Sociologia Clássica e, para reafirmar o peso de sua observação quanto aos escritos de Alcântara Machado, apontava a necessidade de tal autor atentar à uma produção já existente.

Essa desculpável lacuna [referindo-se à questão da religião não tratada na obra de Alcântara Machado] desaparecerá no trabalho que for depois publicado, pois o próprio autor declara no introito de sua memória que esta apenas é o esboço incompleto de um livro em elaboração. Certos estamos de que este livro o colocará a par dos mais conceituados Morsellis, Durkheim, Legoyts e outros. (Rocha, 1905, p.444, grifo nosso)

Ao descrever a estrutura da obra, Franco da Rocha (1905, p.444) destacou a importância que os dados recolhidos nessa produção teriam para os sociólogos, tendo em vista a divisão dos capítulos e das temáticas abordadas por Alcântara Machado. Mais uma vez, mesmo que implicitamente, Franco da Rocha demonstraria certa sensibilidade à produção sociológica existente à época, o que lhe permitiria até mesmo discorrer sobre o que de fato seria de interesse (ou não) aos sociólogos. Considerando sua formação médica, trata-se de um ponto relevante para a análise de sua produção intelectual. É o que se vê na citação abaixo:

Ao sociólogo pouco interessa a direta causalidade subjetiva do suicídio; é antes objeto do psicólogo que, no estudo desse fenômeno, tem de penetrar no dédalo dos fatores conscientes, subconscientes e inconscientes que determinam a orientação da vontade. (Rocha, 1905, p.446)

É possível perceber que essa mesma delimitação entre os papéis da sociologia e da psicologia pode ser vista na obra de Durkheim, que entende que a compreensão de um fenômeno social não se alcançaria pela leitura da particularidade. Segundo Durkheim (1973), a sociedade ou o grupo:

[...] pensa, sente e age de um modo muito diferente do que o fariam os seus membros caso estivessem isolados. Portanto, se se parte destes últimos, não se compreenderá absolutamente nada do que se passa no grupo. Resumindo, entre a psicologia e a sociologia existe a mesma solução de continuidade que entre a biologia e as ciências físico-químicas. Todas as vezes que um fenômeno social é diretamente explicado por um fenômeno psíquico, podemos estar corretos de que a explicação é falsa. (Durkheim, 1973, p.441).

O que Franco da Rocha chamou de fator individual parece estar mais relacionado a uma idéia de subjetividade, às escolhas feitas pelo indivíduo, como no caso da religiosidade. Como psiquiatra que era, ao longo do artigo deu uma ênfase maior ao estudo dessa mesma subjetividade (ou particularidade) para a compreensão das causas motivadoras do suicida, causas estas que estariam ligadas às patologias. No entanto, ao passo que destaca o entendimento das causas individuais e o que chamou de “fator étnico”, tenta ponderar seu discurso admitindo a importância dos fatores externos, para além do indivíduo, dados pela influência social:

Indubitavelmente para o estudo do suicídio são os fatores individuais que oferecem maior interesse, hoje que os estudos da degeneração humana já estão bastante desenvolvidos [...] A influência social não pode, entretanto, ser menosprezada, pois, dos fatores chamados individuais muitos há que são criados pelas condições sociais; por sua vez, as condições sociais têm dependências do fator étnico. (Rocha, 1905, p. 444).

Se por um lado Franco da Rocha aceitaria a idéia de influência social na explicação do suicídio, para compreendê-lo do ponto de vista sociológico Durkheim adotou o caminho contrário. Este último admitiria a influência das condições psicológicas do indivíduo para a compreensão do suicídio, mas relegava tal aspecto para o segundo plano, reafirmando ser um erro ater-se apenas nos fatores individuais para buscar as respostas. A mera existência do neuropata não garantiria um suicídio. Durkheim (1973) afirmaria:

Eis portanto o ponto essencial em que divergem as opiniões do clínico e do sociólogo. O primeiro só vê os casos particulares, isolados uns dos outros. Assim, constata muitas vezes que a vítima era um nervoso ou um alcoólico e explica o ato por um destes estados psicopáticos. Num certo sentido tem razão; porque, se o sujeito se matou mais cedo do que os seus vizinhos, é frequentemente por este motivo. Mas não é por este motivo que, de uma maneira em geral, há indivíduos que se matam, nem, sobretudo, é por este motivo que se matam, em cada sociedade, e num espaço de tempo determinado, um número definido de indivíduos. A causa produtora do fenômeno escapa necessariamente a quem só observa os indivíduos; porque ela é exterior aos indivíduos. Para descobrir é necessário ir além dos suicídios particulares e aperceber o que determina a unidade destes. Poder-se-á objetar que, se não existissem os neurastênicos suficientes, as causas sociais não podiam produzir efeitos totais. Mas não há nenhuma sociedade em que a degenerescência nervosa não forneça mais candidatos ao suicídio do que são necessários. Os eleitos são só alguns, se é que podemos exprimir deste modo. São os que, pela ação das circunstâncias, se encontravam mais próximos das correntes pessimistas e que, portanto, sofreram mais profundamente os efeitos da sua ação (Durkheim, 1973, p. 503, grifo nosso).

Longe de se considerar Franco da Rocha um adepto incondicional da obra de Durkheim, e aceitando-se como natural sua defesa da compreen-

são dos fatores psicológicos em primeiro plano para o estudo de eventos como o suicídio, o fato de maior relevância é que para ele as influências sociais teriam seu espaço nos diagnósticos psiquiátricos. Daí a necessidade de se inteirar de leituras que tratassem da organização social, as quais seriam auxiliares no trabalho médico. Franco da Rocha chega a destacar a complexidade do estudo do suicídio ao longo de suas considerações acerca do livro de Alcântara Machado, afirmando que:

[...] o estudo das causas do suicídio ainda carece de dados mais positivos. As estatísticas atuais não merecem confiança; é o que diz o próprio autor [Alcântara Machado], de acordo com a opinião de Durkheim. (Rocha, 1905, p. 446).

Mesmo reconhecendo toda a complexidade e especificidade das situações de suicídio, acreditava que o cerne da questão estaria nas faculdades mentais do suicida em potencial, as quais teriam sido prejudicadas por uma “degeneração psíquica hereditária” (Rocha, 2003, p.165), tema que tratara em outro artigo pelo menos dez anos antes⁴. Adepto da teoria da degenerescência, assim como boa parte dos médicos de sua época, chama a atenção para a questão do determinismo biológico. Poder-se-ia fazer uma observação levantando-se a seguinte questão: até que ponto Franco da Rocha não apenas reproduzia um procedimento clínico comum aos psiquiatras de sua época? Segundo Castel (apud Barbosa 1992, p.96):

[...] durante esse período, os escritos da escola alienista oscilam entre dois modelos da doença mental: um esquema organicista, supondo uma lesão localizada na origem da doença, e uma nosografia moral e social dos sintomas da desordem, remetendo a uma psicopatologia das paixões e a um terreno social patogênico.

A análise da obra de Franco da Rocha nos autoriza afirmar que o mesmo se colocaria numa posição em que ora se propõe organicista, ora buscava nos fatores externos ao corpo o motivo para os males. Considerando as escolhas teóricas ao longo de sua vida, principalmente sua aproximação da psicanálise, supõe-se aqui seu distanciamento do organicismo exacerbado dos ferrenhos defensores da teoria da degenerescência,

⁴ A primeira publicação deste artigo data de 1895, na cidade de São Paulo – SP.

mesmo que aceitasse o determinismo biológico. Segundo Francis Moraes de Almeida (2003, p.139):

Segundo ele [Franco da Rocha], o perito deve considerar o meio social ao examinar um paciente sobre o qual recai a suspeita de loucura a fim de evitar diagnósticos equivocados. Franco da Rocha afirma que as camadas que compõem a sociedade são apresentadas pelas três fases da evolução mental da humanidade, definidas por Comte: uma maioria teológica (termo que ele alterna com ‘fetichista’ em seu texto); um grupo intermediário na fase metafísica; e uma minoria na fase positiva. Além disso, na loucura nota-se uma tendência do regresso da mentalidade do paciente ao estado teológico (Franco da Rocha, 1904, p.3), o que explicaria o predomínio de tal conteúdo nos delírios dos pacientes internados, como ele explica no livro.

Da mesma maneira como apontou a necessidade da análise do contexto social para o estudo das causas do suicídio, Franco da Rocha também a estendeu a outro evento que requeria tal leitura do meio social: o boato.

Assim como tomava conhecimento da idéia de fenômeno social, tentava compreender como se poderia pensar a propagação de fenômenos psíquicos em multidões pelas relações sociais, afirmando que “nossa vida mental não passa de sugestão de célula a célula e nossa vida social uma contínua sugestão de pessoa a pessoa” (Rocha, 1920b, p.2). No artigo chamado *Do delírio em geral*, de 1919, Franco da Rocha já afirmava que:

De grande importância sob o ponto de vista social é também o chamado delírio das multidões, isto é, o delírio comunicado ou loucura por indução. As ficções que invadem as sociedades e se difundem por todas por todas as camadas do meio social, como na recente conflagração mundial, são exemplos de explosões aparentemente súbitas de loucura coletiva. (Rocha, 1919, p. 5).

Da atenção dada à compreensão das influências externas na ação das pessoas, escreve *Psicologia do Boato* (1920). A análise de uma prática cotidiana mostraria assim seu interesse pelo costume de um grupo, interesse este que mais tarde se mostraria como algo mais amplo, com certo viés culturalista, o que o levaria a escrever *Mito e Lendas na loucura*. Tanto em 1920, publicado na Gazeta Clínica de São Paulo, como em 1928, publicado (com pouquíssimas alterações) na Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise, o autor fala que *as criações espirituais ou fantasiosas dos paranóicos*

revelam surpreendentes analogias com os mitos, fábulas e lendas que nós conhecemos pelas tradições (Rocha, 1928, p.27), o que talvez justificasse a relevância de tal artigo. Novamente era o interesse pela doença, mas que passava pela compreensão de mecanismo fora da psiquiatria.

Franco da Rocha finaliza apontando uma espécie de análise estruturalista na qual aponta que a forma “primitiva de pensar” não se vê apenas entre aqueles tidos como homens do interior (fazendo menção à um tipo caipira), mas também entre aqueles do meio urbano (no que diz respeito ao indivíduo citadino, testemunha do processo de urbanização que se iniciava). O fato é que, tais idéias que gerariam os mitos seriam as mesmas em todos os humanos, e se manifestariam de forma muito mais latente nas crianças. No entanto não significaria que as mesmas teriam sumido:

Na Rondônia, de Roquete Pinto, encontram-se as lendas dos nossos índios (Parecis) sobre o nascimento do homem, o aparecimento do milho e da mandioca, lendas em que eles acreditam, piamente, como nós acreditamos no éter para compreendermos a Física... O homem primitivo, como os Senhores todos sabem, não é somente o que se acha nos sertões; eles aí estão nos centros os mais pretensiosos de progresso. Quando o desespero de uma doença ou vendaval da desgraça lhes tira a leve camada de verniz da civilização, lá vão eles, caminho da casa da cartomante, ou do curandeiro de São Caetano... (Rocha, 1920d, p. 21).

O trecho final dessa citação seria alterado na outra versão do artigo de 1928 pela seguinte fala: *lá vão eles, caminho da casa da cartomante, do curandeiro, espiritista e de outros exploradores da sandice humana* (Rocha, 1928b, p.33, grifo nosso). Esse fato revela um tom mais crítico de Franco da Rocha ao reescrever este artigo, trazendo novos conceitos e novos autores que falariam sobre a explicação dos mitos, o que faltava à primeira versão de 1920. Entraria numa discussão quanto à origem dos mitos, para se saber se:

[dada] a flagrante semelhança em todos os povos do globo, foram comunicados lentamente de uns aos outros, transmitidos por tradição verbal de um país a outros, separados por enormes distancias ou si surgiram autóctones em diferentes povos, por analogia de idéias, de desejos e de pensamentos comuns às criaturas humanas, onde quês que existam. (Rocha, 1928, p. 26).

A reformulação deste artigo com a inclusão dessa discussão sobre a origem das lendas e dos mitos, somada ao artigo “Livro contra Livro” (1929) publicado no Jornal O Estado de São Paulo, um ano depois, no qual ele comenta os livros de Paulo Prado e Batista Pereira – ambos autores preocupados em compreender a identidade nacional – dará indícios do que parece ser uma preocupação de Franco da Rocha com as análises da sociedade brasileira.

Este artigo de 1929 tratava-se de uma leitura crítica sobre duas obras que, recém-lançadas em 1928, tinham como temática a sociedade brasileira e suas características. Uma delas seria o *Brasil e a raça*, de Batista Pereira o qual, segundo Franco da Rocha, era “um estimulante do orgulho brasileiro, animador da bravura e criador de esperanças para este povo, tão cheio de possibilidades grandiosas” (Rocha, 1929, p.3). A outra, mais conhecida pelo pessimismo com que se referia ao caráter do brasileiro e a condição nacional, era o livro *Retratos do Brasil*, de Paulo Prado. Se o interesse de Franco da Rocha sobre a sociedade na qual estava inserido seu paciente não fosse recorrente em sua obra, a leitura destes dois livros seria uma eventualidade desconexa aos seus interesses intelectuais, não justificando a elaboração e produção de um artigo.

Dentre os pontos mais interessantes da arguição de Franco da Rocha a essa obra está a idéia da falta de dados e de estudos acerca da realidade brasileira e, para além disso, o evento da miscigenação seria por demais complexo para generalizações. Em outras palavras, o resultado da mistura de raças no Brasil não permitia uma previsão com alta precisão, pois:

A reunião de qualidades psíquicas e físicas tão diversas deve ter dado um produto cheio de desequilíbrios no caráter. Como, pois, enxergar logo isso tudo, na falta dos elementos essenciais para um golpe de vista geral? Fenômenos ultracomplexos, como esses do caráter de um povo, de sua psicologia, resultantes de uma mestiçagem, não de duas, mas de três raças, bem diversas, são fenômenos que desnorteiam o estudo, por mais paciente e calmo que se possa fazer. (Rocha, 1929, p. 3).

Afirmando também que:

O Brasil é um país enorme: acha-se ainda em período de transição, de confusão, de balburdia. Como, pois, tirar conclusões de poucos estudos, parcelados, sobre um povo heterogêneo, ainda em ebulição, no caldeamento de raças que só poderá ser visto como um todo homogêneo daqui a séculos. (Ibidem).

Quanto ao livro de Paulo Prado, a despeito de alguns elogios feitos, não aceitaria suas colocações:

Os fatos que Batista Pereira viu e neles se deteve, entusiasmado, Paulo Prado também viu, mas, carrancudo e severo, só parou diante deles para ver o lado mau. Seguiu e se demorou diante de outros que Batista Pereira não quis (no momento) examinar ou passou com pressa. (Ibidem).

De fato, Paulo Prado teria produzido uma visão negativa do Brasil, como se pode ver em afirmações como:

Para tão grandes males parecem esgotadas as medicações da terapêutica corrente: é necessário recorrer à cirurgia. Filosoficamente falando — sem cuidar da realidade social e política da atualidade — só duas soluções poderão impedir o desmembramento do país e a sua desapareição como um todo uno criado pelas circunstâncias históricas, duas soluções catastróficas: a Guerra, a Revolução. (Prado, 1928, p.85).

Para Franco da Rocha, Paulo Prado “carregou a mão nas tintas” ao afirmar que a luxúria e as perversões sexuais seriam causas da tristeza. Num trecho mais específico de sua fala, Rocha diz haver povos muito mais “devassos” que os brasileiros e que, nem por isso, são de fato tristes. Seria necessária a consideração de outros fatores:

Mas a ser verdade esse modo de compreender [de Paulo Prado], veríamos hoje a tristeza grassar no Rio de Janeiro. O clima é o mesmo, a mesma a terra, a mulher [...] nem falemos [...] veja o que se passa nas praias cariocas. Há diferenças entre o que se vê ali e as indígenas de outrora em trajes do Paraíso? (Franco, 1929, p.03).

Essa posição de Franco da Rocha poderia ser justificada por sua afinidade a teoria psicanalítica, a qual levaria a sexualidade à redenção, perdendo sua conotação pejorativa ou como sinal de degeneração moral da índole do brasileiro. Segundo Jane Russo:

Ora, a Psicanálise é uma teoria que vai buscar e apontar a sexualidade onde ela parece não estar, ou seja, que vai falar de um “excesso” sexual que é normal. Representa, deste modo, uma possibilidade de reinterpretar positivamente o “excesso

sexual” que parecia marcar o povo brasileiro. A sexualidade, ou seu excesso, não precisa mais ser percebida como um problema em si já que não é nem boa nem ruim em si mesma, sendo responsável tanto pelos piores distúrbios da alma humana, quanto pelas nossas realizações mais sublimes. Inútil negá-la ou reprimi-la. (Russo, 2002, p.55).

Franco da Rocha assumiria nesse artigo um mesmo caráter dualista entre atraso e modernidade, saúde e doença, porém de maneira ponderada, menos pela crítica ao pessimismo em vista da miscigenação e mais pela incerteza dos resultados dessa mistura racial. Dizia que não seriam possíveis as generalizações como as que condenavam o Brasil como povo triste, como fizera Paulo Prado. A homogeneidade não era a realidade brasileira, mas apenas *quando se acalmar esta balburdia e se manifestar a unidade de um povo, onde se veja homogeneidade nos ideais religiosos, nos sentimentos, na política, no caráter, enfim, aí se poderá dizer, este povo é triste por isto ou aquilo* (Rocha, 1929, p.3). Assim, Franco da Rocha teria se aliado ao posicionamento mais presente em Batista Pereira, valorizando mais a hesitação do que a imparcialidade propriamente dita:

A primeira necessidade do Brasil é crer em si próprio. Conhecendo a sua história, encarando de frente as acusações de inferioridade que se lhe fazem, convencendo-se da inanidade das profecias pessimistas com que o preconceito ou o ódio lhe tem medido a curva no futuro, terá ele a consciência de si próprio e poderá prosseguir na sua jornada. Não podemos consentir que o Brasil seja um eterno caluniado. Precisamos dar-lhe a consciência exata do que vale. Nem o delírio laudatório, nem o pessimismo negativo. Entre essas duas correntes há lugar para a crítica imparcial e serena. (Pereira, 1928, p. 14).

Finalizando seu artigo, deixava clara sua posição, dizendo o que segue abaixo:

Em suma: não acho inteira razão no ‘Retrato’, que admita a influência da luxúria se estenda, através de séculos, até hoje. Como fenômeno patológico tinha tempo de desaparecer ou de modificar-se para um estado de habito menos prejudicial ao indivíduo e, portanto ao organismo social. Os recalcamientos, que a civilização exige na atualidade, mais fortemente que outrora, pode ser, e é mesmo, causa de nevroses. Só assim se

pode admitir a tristeza atual, como 'reliquar' neuropático em diversas gerações. Também a cobiça pode ter sido causas de estados melancólicos, conseqüentes às desilusões, das correrias fatigantes em busca de uma sombra. Um mundo de outros fatores converge para a produção da tristeza em certas esferas sociais. Cachaça, fumo, sífilis, anquilóstomos, malária, ausência de escolas, bastam, Santo Deus! Para tornar todo o mundo sorumbático. O livro de P. Prado culmina no Post Scriptum, que, como já disse é uma síntese perfeita do estado atual. Só existe, para consolo, a esperança de que tudo melhorará um dia. Isto é fase transitória. Amém (Rocha, 1929, p.3).

Retomando o artigo de 1928 no qual fala sobre a presença dos mitos na loucura, Franco da Rocha propõe um aliança em o médico e o literato conhecedor da cultura (o que talvez poderia equivaler a um antropólogo) para compreender o mundo dos mitos, das lendas, e do caráter psicológico de determinadas manifestações populares:

Aliado o médico observador a um literato de grande cultura, faria por certo obra de grande valor. O médico, para colher com fino tato o material da clínica; o outro para guiá-lo ao embrenhar-se na escura selva das lendas, dos mitos e suas origens. O momento é oportuno, hoje [1928], que o folclore está no tapete das salas acadêmicas, para se iniciar e levar a cabo tão interessante obra (Rocha, 1928b, p.35).

Assim, numa síntese da obra de Franco da Rocha, poder-se-ia dizer que ele:

[...] assume, pois, uma postura ambígua: se o meio sociocultural é situado explicitamente como um dado de relativização nas diagnoses da alienação mental, indiretamente abre-se a possibilidade de considerá-lo como um elemento propício ao surgimento e à proliferação da loucura. (Engel, 1998).

Essa idéia de proliferação da loucura é algo muito recorrente em Franco da Rocha, fato que justificaria seus estudos sobre movimentos religiosos (manifestação em multidões). Aliás, tal material seria usado como referência pelo próprio Nina Rodrigues. Em *Psicologia da Superstição* de 1922, Franco da Rocha explicava que:

Há épocas de recrudescência de tendências místicas, parece tratar de fato, de um fenômeno periódico das sociedades hu-

manas. Do mesmo modo há épocas de grandes ladroeiras de ensinamento, de decadência moral, que aparecem acompanhando certas revoluções sociais. As grandes crises mundiais, como esta que ora tivemos – a grande guerra – promovem esse estado de espírito que, de certo modo, assombra os homens, severo educador na rígida moral de outra época. (Rocha, 1922, p. 3).

Além disso, já em 1919 em outro artigo afirmava que:

Maçons, jesuítas, hipnotizadores, narcotizadores, sócios da mão negra, etc. todas essas entidades cercadas de mistério, que em certas épocas da história manifestaram poderosa atividade, ainda mais por se exercerem ocultamente, representam hoje preponderante papel na contextura dos delírios de perseguição de caráter crônico. O próprio demônio teve sua época, antes dessas entidades (Ibidem, p. 5).

Por outro lado, afirmava que com o desenvolvimento científico, muito dessa subjetividade poderia ser questionada, uma vez que a objetividade da ciência traria novas formas para explicar algumas sensações outrora concebidas como místicas. Segundo Franco da Rocha:

O caminhar da ciência vai também concorrendo com novos meios de ação para esses agentes hostis [pautados no misticismo]: os raios X, a eletricidade, o telégrafo sem fios, os vapores tóxicos etc. Tudo isso entra em tais casos como explicação necessária das sensações, alucinações e ilusões que atormentam os delirantes crônicos. (Rocha, 1922, p. 5).

É interessante perceber como ele faz uma análise do contexto – no caso, o desenvolvimento da ciência – relacionando tais fatos com a questão da loucura, na tentativa de ampliar as explicações possíveis, seja das causas, seja da cura. Assim o teria feito para pensar a manifestação da loucura nas mulheres, ao mesmo tempo em que a localizava na sociedade de sua época. Em *A demência paralítica em São Paulo*, de 1923⁵, embora muito rapidamente, Franco da Rocha falaria sobre a condição da mulher brasileira. Segundo ele:

⁵ Entre os fatores considerados para este estudo estavam a raça, a nacionalidade, o sexo e a profissão ocupada pelo paciente internado no Hospício.

[...] a mulher brasileira ainda permanece em situação social muito particular. Cá, como na Grécia, as mulheres são em geral caseiras, levam a vida calma, e não tomam parte da luta pela vida – o que as torna menos expostas à sífilis e outras causas adjuntas da paralisia geral. (Rocha. 1923, p. 12).

É possível perceber que sua descrição quanto ao aspecto geral do papel social feminino tem como propósito maior ver sua relação com a proliferação dos casos de sífilis, doença extremamente ligada à incidência de paralisia geral. A doença era majoritariamente encontrada entre os homens como mostrava sua pesquisa, indicando que o número de casos no sexo masculino chegava a ser treze vezes maior do que no sexo feminino, em um intervalo de 25 anos. Sem esconder o tom conservador de sua fala, Franco da Rocha se mostraria preocupado com o “progresso” do feminismo, naquilo que essa igualdade entre os gêneros poderia também nivelar as ocorrências de sífilis entre os sexos. Ele afirmava que:

E como o feminismo vai infelizmente fazendo grandes progressos no Brasil, é de esperar que, quando as brasileiras conseguirem nivelação social com os homens, não distinga a paralisia geral a diferença dos sexos para a escolha de suas vitimas (Rocha, 1923, p. 12).

Deve-se perceber que Franco da Rocha não estava de fato desatento aos processos sociais que ocorriam a sua volta, a exemplo do feminismo, que no Brasil teria sua expressão na semana de arte moderna no início da década de vinte do século passado. Acontecimentos mundiais como a Primeira guerra ou a Revolução Russa chegaram a ser tratados direta ou indiretamente em seus escritos. Franco da Rocha lançava mão desses conhecimentos para costurar seus estudos de psiquiatria com temas como a política. Em um artigo intitulado, *Esclerose e Bolchevismo* (1921a), busca falar sobre a questão da pobreza e da distribuição de renda, criticando aqueles que querem mudar o sistema por vias da revolução, mas não possuem capacidade para tal empreendimento, como teria, segundo ele, acontecido na Rússia no início do século XX. Fazendo uma analogia da organização do Estado com o corpo humano, tecia uma espécie de crítica às revoltas motivadas por aqueles que pretendiam assumir funções nessa organização, para as quais não estavam preparados, como os próprios tecidos conjuntivos assim o faziam no organismo do homem. Essa analogia

com aspectos do corpo humano é o que se vê nas primeiras obras sociológicas de Emile Durkheim, ricas na utilização de conceitos formados por analogias biológicas, tais como solidariedade orgânica, funções, corpo social, etc. O mesmo se poderia dizer do caminho adotado por Manoel Bomfim em sua interpretação marginal àquela mais presente, vinculada pelo vilipêndio das raças não brancas.

Na crítica ao socialismo Franco da Rocha continua fazendo alusão ao funcionamento do corpo humano para pensar a sociedade. Retoma a analogia, já mencionada neste trabalho, de que o operário ao desejar as vias da revolução poderia agir como o tecido conjuntivo que degenera o organismo assumindo funções para as quais não tem competência: *O operário é o suporte do organismo social, isso, porém, não quer dizer que ele saia do seu lugar para ir exercer funções que exigem outro preparo intelectual*” (Ibidem). De forma muito curiosa, Franco da Rocha, embora critique ferrenhamente o socialismo, condenando como natural a ocupação de funções diferentes na sociedade, propõe uma outra via para a igualdade que não pela revolução, mas pela desapropriação e redistribuição da renda feita pelo próprio governo. Dizia ele que:

O caminho do socialismo é outro; não é o aniquilamento da elite intelectual. A distribuição equitativa das fortunas por meio dos impostos seriamente estudados é a primeira medida que se impõe aos legisladores sensatos. Cincinato Braga lembrou timidamente [...] muitas das medidas legislativas que começaram a abrir caminho ao verdadeiro e sensato socialismo. Dissemos ‘timidamente’, porque ele não ousou enfrentar desassombadamente a opinião da burguesia nesse terreno. (Rocha, 1921a, p 4).

A natural existência de uma elite, e nesse caso, uma elite intelectual, era a mesma que se poderia ver entre alguns incipientes trabalhos da Sociologia da virada do século XIX, como de Willian Graham Sumner, em *Folkways*. Segundo ele:

Os Aristocratas são os que se distinguem e sua existência e consideração dirigem a ambição social. Este fato age naturalmente de maneira seletiva, estimulando o que é mais vantajoso e mais valorizado na sociedade em questão. (Sumner, 1950, p. 234).

Num trecho mais adiante, ficaria claro que, apesar das palavras duras de repúdio ao comportamento dos engajados politicamente no socialismo

(engajamento visto como a manifestação de uma patologia mental), Franco da Rocha não só insistiria na proposta apresentada por Cincinato Braga como justificaria a necessidade de medidas por parte do governo, admitindo, e também repudiando, a existência de uma exploração por parte de uma burguesia. Dessa forma, se por um lado Franco da Rocha deixava claro não ser socialista, pelo outro, a despeito de sua defesa de uma elite intelectual, mostrava-se crítico em relação exploração do operário:

Nada mais justo do que o lançamento de impostos especiais de solidariedade humana, para serem socorridos com esse dinheiro os proletários, cujo sangue foi sugado pelo ricoço que da sua industria retirou centenas ou milhares de contos de réis anualmente: dinheiro esse com que ele vive à tripa forra, chafurdado muitas vezes no vício, sem se lembrar da família do operário, que o ajudou a ganhar dinheiro, e que está muitas vezes comendo o pão que o diabo amassou. (Rocha, 1921a, p. 4).

Assim, é possível perceber que a patologia não estava apenas no comportamento daquele que propunha a revolução, mas naquele *que chafurdado muitas vezes no vício* (Ibidem, p.2) não se importava com o meio social. Supondo que seus leitores pudessem apontar como solução para o caso a simples delegação de tarefas para hospitais ou instituições de caridade, elaborou algumas considerações também em tom de crítica à sociedade paulista do início da década de 20, chamando a atenção à falta de políticas públicas de assistência⁶:

Há entre nós notável e lastimável deficiência de hospitais para os pobres, e de outras instituições, como por exemplo, as de proteção à infância, pois as que existem vivem a lutar com grandes dificuldades pecuniárias. É por demais sensível essa lacuna da pública administração. Indo mais longe em sua fala com tom de denuncia, lamenta existirem indivíduos em sua época vivendo graças a heranças, os quais nunca moveram sequer uma palha em benefício ao meio social em que vegetam [...] Não está aí evidente um defeito de nossa organização social (Rocha, 1921a, p. 4).

⁶ Seu projeto de fundação e administração do Hospital de Juquery contemplaria uma política de assistência social às famílias de pacientes internados, fato muito coerente com a posição adotada no artigo de Franco da Rocha.

Considerando-se o peso que o patrimonialismo, a propriedade privada e a noção de herança dada por tradição possuem na cultura brasileira, talvez seja possível perceber uma espécie de questionamento e crítica à sociedade feita por Franco da Rocha, reconhecendo tais aspectos como característicos de nosso arranjo social. Tanto que ele mesmo sabia que sua proposta de confisco de patrimônios para sanar a falta de verba para a construção de hospitais era delicada: *Faz-se mister acurado estudo, sem dúvida: não se cria uma lei dessa importância e alcance, escrevendo-a em cima da perna* (Ibidem, p.4). Ao mesmo tempo, a idéia de intervenção do Estado deveria ser limitada, pois o forte controle poderia ser ruim à lógica econômica da livre concorrência. Franco da Rocha afirmava que:

O estadismo levado ao extremo é uma grande desgraça que os teóricos implantaram na Rússia, onde ficou provado que é uma das causas da miséria. O Estado é absolutamente incapaz de dirigir indústrias e empresas rendosas; o regime do déficit crescente e da desordem aí está a nossa vista, por toda a parte, principalmente nos Estados Unidos, a mostrar essa incapacidade. As estradas de ferro são exemplos palpantes, prova exuberante do que acabamos de dizer.

Contudo, ao admitir tal papel do Estado, assume uma postura muito parecida a dos médicos defensores das reformas higienistas promovidas pelo governo, responsabilizando-o pelas mudanças necessárias para a sociedade. Esse pensamento seria muito importante na guinada quanto ao pessimismo em relação à raça, pois representava uma alternativa oposta às visões negativas. Segundo Hochman e Lima (1998, p.23):

A identificação da doença como o principal problema do país não o condenava à barbárie eterna, mas, ao contrário, apontava os instrumentos para sua superação: a ciência médica e as políticas públicas de saúde e saneamento (Hochman; Lima, 1998, p. 23).

Isso justificaria o posicionamento de Franco da Rocha enquanto médico, que, através do Projeto do Hospício do Juquery, propunha uma política de higienização da sociedade e tratamento do alienado. Alertava para a necessidade da construção de colônias agrícolas para o tratamento do doente mental. Alcançado este objetivo, através de seus artigos combateu, na sequência, aquilo que entendia por anacronismo do código penal em relação ao alienado, bem como criticou as ingerências por parte no governo federal

no tocante à administração e fiscalização dos hospícios. Declarou guerra contra as práticas sociais que seriam estigmatizadas como degenerativas, entre elas o consumo de álcool (Rocha, 1927), ao mesmo tempo em que fazia campanha por políticas eugenistas a exemplo do exame médico pré-matrimonial (Rocha, 1926). A ênfase no eugenismo era um aspecto muito compartilhado entre a classe médica, desejosa em *sanar* o Brasil pela implantação de políticas higienistas, como aponta Mota (2003, p.50):

As ações eugênicas, diante desses aspectos, deveriam ser vistas como intervenções que, mesmo respaldadas na ciência e no determinismo científico, possuíam um forte caráter nacionalista e por isso deveriam ser encaradas como um pilar sobre o qual se iniciaria a construção de um novo Brasil.

Nesse sentido, continuava seus estudos sobre formas de tratamento de maneira incessante, deparando-se nesta caminhada com a obra de Freud. Em 1920, Franco da Rocha publicaria o livro *O Pansexualismo na doutrina de Freud*, o qual, ao ser reeditado em 1930, passou a ser chamado *A doutrina de Freud*. Esses trabalhos, entre outros estudos que fizera acerca da obra freudiana, foram resultado de seu pioneirismo na divulgação dessa teoria. Essa aproximação de Freud talvez possa ser consequência das influências teóricas que recebera de Juliano Moreira (como se viu anteriormente em relação à teoria da degenerescência), uma vez que se atribui a esse médico a divulgação dessa teoria entre uma *elite médico-psiquiátrica da época* (Russo, 2002, p.53). Aceitar a teoria de Freud seria um passo para tentar compreender as moléstias mentais não necessariamente pela degeneração, mas sim pela soma das experiências e vivências do indivíduo. Se a teoria da degeneração era a base para se pensar o Brasil, com a psicanálise ampliaria-se tal leque.

Há trabalhos que afirmam que com a psicanálise acreditava-se na ampliação das *possibilidades de prevenir as doenças mentais e, mais ainda, as possibilidades de corrigir e modelar o futuro das novas gerações* (Pontes, 1999, p.59). Isso justificaria a recomendação do uso da psicanálise nos discursos pedagógicos nas obras de Arthur Ramos. Assim caracterizava-se uma certa consonância com os discursos favoráveis ao que se tem chamado de intervenção social (feita pela medicina), bem como com os interesses eugênicos de higiene mental: *Penetrado da realidade desses dados [da produção freudiana acerca da psicanálise], passou Franco da*

Rocha a ensinar a psicanálise e a salientar-lhe a importância, no reajustamento psicossocial do homem. (Briquet, 1944, p.18).

Algo que é bastante recorrente é a menção às dificuldades que Franco da Rocha encontrou no campo acadêmico paulista para a divulgação da psicanálise. Nesse trabalho de disseminação do pensamento freudiano, Franco da Rocha agregou outros nomes que se destacariam nesta empreitada como Durval Marcondes. Embora este último não tenha sido aluno de Franco da Rocha, juntou-se à ele para em 1927 fundarem em São Paulo a Sociedade Brasileira de Psicanálise. Um ano depois à esta iniciativa, lançavam a primeira edição da Revista Brasileira de Psicanálise.

Se a difusão da teoria psicanalítica muitas vezes é tributada àqueles que encabeçaram a Semana de Arte Moderna, é preciso que se diga que a aproximação entre Franco da Rocha e estes intelectuais parece ter existido. No Suplemento Cultural da APM de nº 39, publicado em outubro de 1989, Walter P. Guerra ao escrever sobre a vida de Mário de Andrade fala sobre sua incursão ao Hospício de Juquery, na tentativa de fazer uma experiência com alienados usando a música:

Para testar o que lera sobre o assunto [uso da música no tratamento psiquiátrico], o próprio Mário de Andrade promoveu uma sessão musical no Juqueri, que, segundo ele, ‘deu excelentes resultados’, conforme depoimentos de psiquiatras daquele estabelecimento (Guerra, 1989, p.4).

Independentemente da forma como se define seu papel como intelectual no início da psicanálise no Brasil, mais importante é tentar compreender de que forma essa preocupação com as influências recebidas ao longo da vivência do indivíduo – também do ponto de vista psicanalítico – seriam problematizadas com a idéia de predisposição biológica. Essa relação seria vista por Franco da Rocha como algo fundamental até mesmo para a compreensão da história mundial, já que ao propor uma *Filosofia da História* – título este de um artigo de 1922 – aceita a aplicação da medicina para a compreensão dos fatos históricos, buscando assim reconstruir a vida de grandes personalidades que, graças a suas condições mentais, teriam mudado os rumos da humanidade. Essa análise mais pormenorizada seria uma forma de se buscar as verdades implícitas, ocultadas no transcorrer da história das sociedades, para além das análises superficiais que não captariam a essência dos acontecimen-

tos, uma vez que a história seria uma “mentira convencional”. Segundo Franco da Rocha:

Disfarça-se a miséria e os desejos de perene ardor sexual sob a forma de idéias ou de mimetismo espiritual, forma essa de defesa que a história comprova a cada passo. Tal mimetismo é uma aquisição, um progresso mesmo, que tem sido requisitado ainda mais pela política e pelas mentiras convencionais. A história seria também uma mentira convencional: “reduza-se a história à verdade e ela estará perdida, diz Voltaire” (Rocha, 1922 a, p.3).

Não se tratava de conhecer apenas a sucessão de fatos que teriam ocorrido, mas saber suas origens, o que os teria motivado. Se Franco da Rocha na explicação do comportamento psíquico soma as causas cerebrais e extracerebrais, o desenvolvimento de algumas áreas do conhecimento, como a sociologia, atreladas à medicina, seriam fundamentais para melhor compreender os meandros pelo quais teriam percorrido a história como fruto das escolhas dos homens daquele período histórico. Essas *novas ciências* preencheriam lacunas nas respostas existentes:

É inegável que ela [a história] obedece em sua evolução as leis naturais, e como tal é um capítulo da ciência que estuda as origens da animalidade. Dois modos haveria de considerar os fatos históricos: do ponto de vista ancestral, remotíssimo, e é aí que Darwin fornece maior número de elementos para a reconstrução da proto-história; sob o ponto de vista recente, é a biologia, a sociologia, a medicina que permitem preencher as lacunas... (Ibidem, p.3).

Logo seria interessante uma reflexão maior sobre a construção dos fatos históricos naquilo que significariam ser o resultado de ações de determinados indivíduos que se destacaram em suas épocas. Contudo, Franco da Rocha reivindicaria à psiquiatria uma posição privilegiada, pois seria preciso ter o conhecimento específico necessário para diferenciar personalidades doentes e sãs:

É mister, portanto, não confundir o gênio com o louco [...] Há muitos que não sabem apreciar bem uma diferença, porque são poucos os que sabem das relações de semelhança entre os estados psicológicos normais e os patológicos (Ibidem).

Da análise do suicídio à preocupação com uma reflexão sobre os fenômenos históricos, a conexão existente entre seus artigos é a permanente preocupação com a etiologia da loucura, suas manifestações individuais e coletivas, seja por disfunções biológicas, seja por desarranjos sociais. Intelectual que era, estava inteirado daquilo que se tinha de mais atual no meio científico, alinhando seu pensamento ao positivismo tão em voga. Na leitura de seu contexto social, tentava alinhar ciência e moralismo. Nas palavras de Pereira (2003, p.157):

E é de fato, inegável nesse autor o desejo de contribuir para uma organização social embasada na moral, na ordem e no progresso. Não seria fora de propósito afirmar que Franco da Rocha, a despeito de algumas divergências com determinados autores positivistas seus contemporâneos [...], era um ardoroso defensor dos princípios de Auguste Comte. Afinal, depositava na ciência moderna todas as suas esperanças em relação à solução para os problemas da humanidade.

Dessa forma, o fato de não ter produzido nenhuma obra específica sobre a sociedade brasileira (ou mesmo a paulista) não diminui a possibilidade de sua contribuição ao estudo da sociedade feita através dessa diversa produção. Nesse sentido, em paralelo ao estudo da loucura, ter-se-ia nas entrelinhas a expressão de sua opinião em relação à sociedade.

Qual a contribuição às Ciências Sociais?

Franco da Rocha contribui através de um trabalho que, embora evidentemente médico, lançou mão de um conhecimento da realidade social, elaborando descrições e explicações de seu tempo e, dessa forma, representando o que se pode entender como uma parte da institucionalização das ciências sociais por vias da interdisciplinaridade acadêmica. Isto é, por ser um médico psiquiatra que, não conformado apenas com as explicações de cunho organicista (dadas pelo determinismo biológico), voltou seu olhar ao cotidiano no qual estava inserido seu paciente.

Da mesma forma, como apuração ou resultado preliminar do que até aqui se viu, tem-se uma interconexão plausível entre as temáticas mais diversas tratadas em pelo menos quarenta anos de trabalhos publicados. Nesses trabalhos, constantemente são evocados conceitos e idéias como

psicologia social, reação das multidões, fenômeno social, normal e patológico, o papel da religiosidade, entre outros, todos muito conhecidos pela Sociologia. O autor está inserido numa época em que vários temas eram debatidos e vistos como primordiais para a compreensão do atraso nacional, isto é, do fadado fracasso do Brasil na virada do século. Como é sabido, teorias sobre a degeneração, sobre a mestiçagem, e uma possível inferioridade racial de grupos como os negros eram recorrentes nessas explicações acerca da identidade nacional – tanto positiva ou negativamente, como se vê em Nina Rodrigues (s/d), Afrânio Peixoto (1975), Arthur Ramos (1942) e Manoel Bonfim (1993), apenas para citar alguns. Contudo, segundo alguns autores, houve um momento de redenção quanto à condição do brasileiro, no sentido de reorientar o diagnóstico quanto à sua condição social, para além do determinismo biológico. Ele (o brasileiro) não era doente, mas estava doente, o que pressupunha a emergência de medidas profiláticas para literalmente construir e salvar uma nação.

Dentre os pontos negativos e criticados da sociedade brasileira estava um forte apelo à sensualidade e à sexualidade, o que pressupunha uma ineficácia ou inexistência de valores morais. Isto é, a luxúria, como apontava Paulo Prado (1928), reinava por aqui. Contudo, a psicanálise ganharia terreno para então propor um novo tratamento da nação. Seus pressupostos, dessa forma, se acomodariam *ao projeto mais amplo de construção da nação brasileira. E é justamente nesse aspecto que a problemática pansexualista ganha coloração local e, em parte, se diferencia do debate europeu* (Oliveira, 2002, p.138). Isso permite trazer a psicanálise à luz do pensamento social brasileiro, aproximação esta que pode ser fundamentada pela ação da intelectualidade na tentativa da construção de uma identidade nacional.

É Oliveira (2002, p.135) quem diz que:

a temática pansexualista encontra ecos na reflexão dos intelectuais brasileiros nos desejos de contribuir para a construção do Estado nacional. Vale lembrar, entre outras coisas, a importância atribuída à problemática sexual sobretudo nas campanhas higienistas, que sugerem um modelo de disciplinarização e controle das normas e práticas sociais.

Se outrora se acreditava que os males da nação tinham origem na degeneração dada pela raça, condenando o futuro de um Brasil pela miscigenação racial, Franco da Rocha, a seu modo tocara o contrapé da

identidade nacional vigente sob a luz de sua psiquiatria, isto é, da psicanálise. Assim, a teoria psicanalítica se torna uma saída alternativa a este discurso negativo, tanto quanto aquela apresentada pelos que acreditavam na *diluição* dos males das raças através processo de branqueamento. É Jane Russo (2002, p.55) quem afirma que:

A psicanálise, me parece, fornecia uma saída interessante para essa questão, que passa uma nova forma de encarar a sexualidade, o primitivismo e, por tabela, a educabilidade (e desenvolvimento) desse povo, viabilizando a possibilidade de um projeto civilizador à nação. Tem-se aí uma espécie de saída civilizadora para esse país mestiço: o primitivismo dos instintos, das paixões, o sensualismo excessivo das raças inferiores não são empecilhos insuperáveis para o progresso da nação.

Ainda segundo Russo (Ibidem, p.56), talvez *a teoria psicanalítica tenha representado para determinados intelectuais do período uma das formas possíveis de escapar do estrito determinismo biológico, sem abrir mão da idéia de progresso e evolução*. Dessa forma, se a compreensão médica das doenças desloca a atenção deste determinismo biológico para olhar outros fatores como o contexto no qual se insere o paciente, a medicina teria de lançar mão de uma metodologia presente também mais tarde nas Ciências Sociais, como aponta George Rosen (1980). Isso caracterizaria a medicina social nas mais diferentes instâncias, da higiene sanitária à mental. Mariza Correa (1998), ao analisar o posicionamento de Nina Rodrigues quanto a essa metodologia, descreve o que se enquadra perfeitamente ao trabalho de Franco da Rocha:

Não é por acaso, que antes de serem uma metodologia utilizada pelas ciências sociais, os estudos de caso, os levantamentos genealógicos e o método comparativo tenham sido procedimentos comuns do trabalho científico entre os médicos. No caso de Nina Rodrigues, apesar de sua ênfase na observação empírica, no registro cuidadoso do particular, era também numa análise estrutural da sociedade brasileira que ele estava interessado. Ele nunca perderia de vista a relação existente entre o exame de uma menina negra deflorada, a análise da cabeça decepada do Conselheiro ou o internamento de um “pródigo” e as leis gerais que desejava ver regendo a nossa sociedade. (Correa, 2003, p. 93).

Se não as mesmas, preocupações muito equivalentes se pode perceber através da leitura das obras de Franco da Rocha, seja do ponto de vista das temáticas, seja do ponto de vista do arcabouço científico (em relação ao método). É possível encontrar trabalhos de Franco da Rocha em que vários itens seriam considerados em sua análise da manifestação de determinada doença, como no caso da demência paralítica, em que considerava: raça (cor da pele), nacionalidade (dadas as diferenças culturais), profissão (natureza da atividade de trabalho), sexo, idade, estado civil. Contudo, se a metodologia empregada se assemelha, a grande diferença está no peso que o determinismo biológico ainda teria no discurso destes médicos, principalmente quando se compara as falas de Franco da Rocha e Nina Rodrigues. Mesmo que corroborando a defesa da degeneração como causa primeira de vários males da população, Franco da Rocha, ao que tudo indica, não teria descartado ao longo de sua produção a convicção da influência exercida pela própria sociedade na saúde do indivíduo, pois a conformação social (principalmente no ambiente urbano) criaria instituições, grupos de risco, ou “tentativas”, os quais atuariam como laboratório para o desenvolvimento das piores doenças possíveis, as quais estariam adormecidas no interior de um degenerado.

Assim, dentre as possíveis contribuições de Franco da Rocha pode-se citar a proposta de uma alternativa à limitação da teoria da degeneração trazendo à baila a Psicanálise (e o que isso representaria na análise das relações sociais dos indivíduos na organização social), o que pode-se considerar rudimentos de uma psicologia social. Além disso, a maneira corrente como assume pressupostos positivistas, presentes entre os primeiros trabalhos sociológicos no mundo todo, fazendo citações de nomes como Comte, Charles Darwin, Spencer, seria outra evidência do imbricamento entre ciências médicas e sociais em seus escritos.

Se a medicina contribuiu para a institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, é certo que a Psiquiatria seria um dos ramos que a representou neste processo, tendo na figura de Franco da Rocha um dos principais nomes nos estudos psiquiátricos na passagem do século XIX para o XX, bem como responsável pela modernização da assistência ao alienado mental.

Referências Bibliográficas

Almeida, FM. O Esboço de psiquiatria forense de Franco da Rocha. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*. Vol. 11, nº 1, p. 137-150, mar. 2008.

- Barbosa, RM. Uma instituição modelar: o hospício do Juquery. *São Paulo em Perspectiva*, 6 (4): 92-103, out/dez 1992.
- Bomfim, M. *A América latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.
- Briquet, R. *Palestras e Conferências*. São Paulo: Ed. Atlas, 1944.
- Correa, M. *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- Durkheim, E. *As Regras do Método Sociológico*. Coleção os Pensadores, São Paulo: Ed Abril, 1973.
- Engel, MG. As fronteiras da anormalidade: psiquiatria e controle social. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 3, p. 547-63, nov. 1998-fev. 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000100001>. Acessado em 04/01/10.
- Forguieri, YC. Resgatando a memória dos patronos: Francisco Franco da Rocha – Cadeira nº 01. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*. Acad. Paulista de Psicologia, São Paulo. Volume 25, nº 01, p. 22-33, jan-abr/2005.
- Guerra, W. Mário de Andrade e a Medicina. *Suplemento Cultura*. APM – Associação Paulista de Medicina, São Paulo. Nº 39, out/ 1989.
- Herschmann, M. et al. *Missionários do Progresso: Médicos, Engenheiros e Educadores no Rio de Janeiro (1870-1937)*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.
- Hochman, G.; Lima, Nísia T. Condenado pela Raça, absolvido pela Medicina: O Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo V. *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.
- Machado, R et. al. *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- Mota, A. *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- Oliveira, CLMV. Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na Educação. *Revista Agora*, Vol. 05, nº01, p. 133-154, jan/jun 2002.
- Peixoto, A. *Clima e Saúde*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1975.
- Pereira, LM de F. Franco da Rocha e a teoria da degeneração. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*. Vol. 06, nº 3, p. 154-163, set. 2003.
- Pereira, B. *O Brasil e a raça: conferência feita na Faculdade de Direito de São Paulo em 19/06/28*. São Paulo: Graphica Rossetti, 1928.

- Ponte, CF. da. *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública-Fundação Oswaldo Cruz, 1999.
- Prado, P. *Retrato do Brasil – Ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Oficinas Gráficas Duprat-Mayença (Reunida), 1928. Disponível em <<http://www.eboo.ksbrasil.org/eLibris/pauloprado.html>>. Acessado em 23/09/2009.
- Ramos, A. *A Aculturação Negra no Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1942.
- Rocha, FF da. Suicídios na capital de São Paulo. *Gazeta Clínica de São Paulo*. São Paulo: Publicação Médica Paulista. Ano III, p.443-446.1905.
- Rocha, FF da. A fiscalização dos hospícios no Brasil. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 15 de Mai. 1907.
- Rocha, FF da. A assistência a Alienados no Estado de São Paulo. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 03 de Abr.1908.
- Rocha, FF da. A velha e a nova escola penal. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 07 de Fev.1909a.
- Rocha, FF da. O artigo 68 do código penal. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 24 de Set.1909b.
- Rocha, FF da. Assistência familiar aos insanos em São Paulo. *Revista Médica de São Paulo*. São Paulo: Ano XII, p. 341-342, 1909c.
- Rocha, FF da. Necrologia. *Revista Médica de São Paulo*. São Paulo: Ano XII, p. 434, 1909d.
- Rocha, FF da. O que é um paranóico?. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 01 de Out. 1910a.
- Rocha, FF da. Que é um paranoico? *Revista Médica de São Paulo*. São Paulo: Ano XIII, s/n, pg. 364-367, [.1910b.]
- Rocha, FF da. O Salvarsan na paralisia geral. *Revista Médica de São Paulo*. São Paulo: Ano XV, nº 02, pg. 21-23, jan. 1910c.
- Rocha, FF da. Os alienados perigosos e o código penal. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 27 de Fev. 1911a.
- Rocha, FF da. Os alienados perigosos e o código penal. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 15 de Dez. 1911b.
- Rocha, FF da. Contribution à l'étude de la folie dans la race noire. *Revista Médica de São Paulo*. Ano XIV, p. 1911c.

- Rocha, FF da. Os alienados perigosos e o código penal. *Revista Médica de São Paulo*. São Paulo: Ano XIV, nº 23, p. 437-440, dez.1911d.
- Rocha, FF da. Assistência a alienados em São Paulo. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 11 de Dez. 1912.
- Rocha, FF da. Alcoolismo e loucura. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 17 de Ago. 1918
- Rocha, FF da. Do delírio em geral. Preleção do curso de Clínica Psiquiátrica na Faculdade de Medicina de São Paulo. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 20 de março de 1919.
- Rocha, FF da. Assistência a alienados. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 20 de Ago. 1920a.
- Rocha, FF da. Psicologia do boato. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 19 de Out. 1920b.
- Rocha, FF da. Assistência a alienados – solução encaminhada. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 17 de Nov. 1920c.
- Rocha, FF da. Mitos e Lendas na Loucura. *Gazeta Clínica de São Paulo*. São Paulo: Publicação Médica Paulista. Ano XVIII, nº 2, p.19-21. fev.1920d.
- Rocha, FF da. Esclerose e bolchevismo. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 01 de Jul. 1921a.
- Rocha, FF da. Loucos de todo o gênero no código civil. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 07 de Nov. 1921b.
- Rocha, FF da. Filosofia da História. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 30 de Jan. 1922a.
- Rocha, FF da. Psicologia da Superstição. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 19 de Nov. 1922b.
- Rocha, FF da. Aleijados do Cérebro? *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 01 de Out. 1924.
- Rocha, FF da. Asilos regionais. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 25 de Set. 1925.
- Rocha, FF da. O exame médico pré-matrimonial. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 05 de Jan. 1926.
- Rocha, FF da. Combate ao Alcoolismo. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 25 de Dez. 1927.
- Rocha, FF da. A psicologia de Freud. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicanálise. Vol.01, nº 01, p. 7-23, 1928a.

- Rocha, FF da. Os mitos e lendas na loucura. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicanálise. Vol.01, nº 01, p. 7-23, 1928b
- Rocha, FF da. Livro contra livro. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 02 de Jan.1929.
- Rocha, FF da. Sobre a Psicanálise. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 27 de Fev. 1930 a.
- Rocha, FF da. *A doutrina de Freud*. 2ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1930 b.
- Rocha, FF da. No reinado da fraude. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 14 de Jun. 1933.
- Rocha, FF da. Hospícios de São Paulo: Fragmentos de Psiquiatria. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*. Ano VI, nº 3, p. 164-179, set. 2003.
- Rocha, FF da.; SILVA, ACP e. *A demência paralytica em São Paulo*. São Paulo: Oficinas do Diário Oficial, 1923.
- Rodrigues, RN. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, s/d.
- Rosen, G. *Da polícia médica à Medicina Social*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- Russo, JA. A difusão da psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX – Da vanguarda modernista à rádio-novela. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. UERJ. Rio de Janeiro. Ano 02, nº 01, p. 51-61, 1º Sem. 2002.
- Sem autor. Dr. Franco da Rocha: No hospital de alienados do Juquery. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 04 de Abr. 1928.
- Sem autor. Dr. Franco da Rocha. *Revista de Medicina*. Ano VII, nº 24, Vol. IV, p. 64-69, mai. 1923.

Data de recebimento do artigo: 27/05/2010
Data de aprovação: 15/09/2010
Conflito de interesse: nenhum declarado.
Fonte de Financiamento: Nenhuma declarada.

